Práticas participativas: estudo de caso sobre ações discursivas no Projeto Generosidade (Globo)

João Canavilhas
Doutor | Universidade da Beira Interior
jc@ubi.pt

Francilaine Moraes
Mestre | Universidade de Brasília
moraesfranci@yahoo.com.br

Resumo

As tecnologias reforçam as práticas participativas nas diversas esferas da vida social, entre as quais o jornalismo. Os usos sociais das TIC abrem espaço para novas configurações das práticas de participação do público na mídia, e, por extensão, para as ações discursivas dos atores envolvidos. O objetivo deste artigo é discutir a forma como estas ações discursivas se localizam no atual ecossistema midiático. Nesse sentido, a questão de fundo neste trabalho é a seguinte: em que medida as TIC facilitam as práticas participativas no jornalismo? O cenário de observação desse debate é a série de reportagens Projeto Generosidade da Editora Globo. O suporte metodológico é a Análise de Discurso Crítica, especificamente na vertente da Análise Discursiva Textualmente Orientada. O corpus analítico é um conjunto de entrevistas realizadas com atores envolvidos nas práticas de participação em questão.

Palavras-chave

Jornalismo, práticas participativas, análise do discurso

1 Ecossistema Midiático

A partir da noção de ecossistema biológico, Canavilhas (2011) estuda fatores e aspectos do entorno midiático, caracterizando-o como ecossistema. Nesse raciocínio, e seguindo as linhas da *Media Ecology*, os meios de comunicação são vistos como ambientes, com estruturas e conteúdos, que influenciam e são influenciados pelas pessoas (POSTMAN, 1970).

Ao trazer as variáveis da Ecologia para o estudo dos meios, o autor estabelece que no ecossistema midiático há três tipos de fatores: intermidiáticos (estudo dos meios e suas relações); contextuais (estudo de como ocorre o consumo midiático); e tecnoambientais (estudo das interfaces e da ação do consumidor no ecossistema).

O surgimento da internet e dos dispositivos móveis de acesso à web – como os *smartphones* – impuseram transformações no ecossistema mediático, especialmente na forma como as pessoas se relacionam com os meios. De acordo com Canavilhas (2011), a entrada no ecossistema desses dois novos elementos ocasiona mudanças nos fatores contextuais, como a individualização do consumo e a mobilidade. Acrescentam-se ainda transformações nos fatores tecnoambientais, dos quais se destacam a miniaturização e a portabilidade dos aparelhos tecnológicos, e a convergência de múltiplas funções nesses dispositivos. A usabilidade e a interatividade modificam o modelo de comunicação, que se torna descentralizado – migra do modelo "um para muitos" para os modelos: "muitos para muitos"; "muitos para um"; "um para um" – devido à forte presença do público no processo de produção e distribuição de notícias.

O conjunto dessas transformações cria as condições para a emergência de um novo ecossistema mediático. Da adaptação do argumento darwinista de evolução e transformação das espécies, o autor infere que o ecossistema midiático tende a equilibrar-se a partir da adaptação dos meios à chegada de novos (meios) e novas circunstâncias. Segundo o autor, é o que acontece neste momento com os meios tradicionais utilizando a internet como suporte.

Ainda de acordo com Canavilhas (2011), no novo ecossistema ocorrem algumas alterações: (i) a informação passa de periódica para onipresente e sua distribuição muda de um sistema *pull* em que o consumidor está em busca de notícia, para um *push*, onde as notícias buscam os consumidores, (ii) o consumo passa a ser individual, contínuo, móvel e global, e (iii) o público, assume um papel mais ativo mediante o incremento da interatividade que permite a participação dos consumidores no processo informativo, tanto na colaboração da produção como na redistribuição de notícias pelas redes sociais. Dentre os diversos fatores identificados por este autor no ecossistema midiático, destaca-se, no âmbito desta pesquisa, a adaptação dos meios tradicionais à presença da internet, transformação que eliminou as fronteiras entre os meios e deu início a um processo de convergência que torna cada vez mais difícil distinguir onde termina um meio e começa o outro.

Para Jenkins, "o paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas" (2009, p. 33). Interessante neste aspecto é que, embora a convergência opere pela unidade, ela não significa estabilidade, mas tensão, e, portanto, é definida pelo autor como "um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa" (JENKINS, 2009, p. 377), em que o fluxo de conteúdos flui pelas várias plataformas de mídia. Sob o foco deste trabalho, sublinhamos o fato de que, no ambiente de convergência, os conteúdos se estendem para além de seu meio original.

Este fator, segundo ecoa dentro de uma cultura participativa em que produtores e consumidores de mídia interagem de acordo com um novo conjunto de regras, ainda em construção. O pesquisador sublinha que a convergência das mídias é um processo abrangente, que "altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos" (JENKINS, 2009, p.43).

Entendemos que o modo como o público interatua nesse ambiente resulta, entre outros, da forma como as pessoas se apropriam das tecnologias nas suas vidas cotidianas. A partir do termo domesticação das tecnologias da comunicação, cunhado por Silverstone nos anos 1990, Lopes (2010) defende que o sentido inicial do processo de domesticação – as tecnologias adquiridas no domínio público tornam-se partes do lar (*household*) – expandiu-se para além do espaço físico da casa por conta da mobilidade permitida pelas tecnologias móveis. Esse cenário acentua "a tónica da metáfora no seu sentido mais lato, na acepção de capacidade de adaptação a novas situações e novos contextos, quer pelas tecnologias, quer pelos utilizadores" (LOPES, 2010, p. 17). Destacamos, para efeitos deste trabalho, que a corrente da domesticação lança mão de termos como relacionamento e convivência para investigar a proximidade entre os indivíduos e as tecnologias da comunicação. Nesse contexto ganha corpo a ideia de que as tecnologias domesticam os usuários ao mesmo tempo que são domesticadas por eles, tratando-se por isso de um "envolvimento e não de um mero contato dos indivíduos com a técnica para se atingir um objetivo" (LOPES, 2010, p. 175).

É, portanto, no ecossistema midiático descrito que situamos as práticas participativas. O contexto aqui estudado particulariza o objeto investigado.

2 Práticas Participativas

O atual ecossistema midiático, em especial suas relações com o público, induz reflexões sobre as práticas participativas, entendidas como experiências de participação do público diante das novas circunstâncias.

Segundo Adghirni e Ruellan (2009), as modalidades múltiplas de trocas de informação fizeram emergir a apropriação e a participação dos públicos nos processos midiáticos. Leitores, ouvintes, telespectadores e usuários, pelos sistemas em rede digital, podem reagir, instantaneamente, aos conteúdos.

Na problematização das práticas de participação do público, devem ser levadas em conta as discussões sobre o perfil, a identidade e o papel desse público. Para Brin, Charron e Bonville (2004), trata-se de um público volátil, extremamente solicitado e que dispõe de meios técnicos e culturais para exercer suas escolhas livre e instantaneamente. Os autores lembram que no ambiente de segmentação de conteúdos e de produtos midiáticos, o termo público não significa "o" público, mas uma pluralidade de públicos, cujas características já consagradas são a fragmentação e a instabilidade crescentes.

Canclini (2008) destaca a construção de identidades a partir do consumo: “comunidades hermenêuticas de consumidores, ou melhor, conjunto de pessoas que compartilham gostos e pactos de leitura em relação a certos bens, os quais lhes fornecem identidades comuns” (CANCLINI, 2008, p. 224). Neste caso, são públicos segmentados e identificados a partir de suas preferências de consumo de bens simbólicos.

Híbrido de consumidor e produtor é outra identidade possível devido à circularidade de papéis na produção, transmissão e recepção das informações, tendo surgido conceitos como *prosumer* (JENKINS, 2009) e *produser* (BRUNS, 2008). Moretzsohn (2007, p. 261) faz um contraponto a essa hipótese e diz que “não há novidade nesse hibridismo”, que só pode "impressionar quem jamais foi apresentado à dialética".

Ruellan (2011) diz que, para além das mudanças, as continuidades no papel que os públicos desempenham no conjunto contínuo da produção de informações devem igualmente ser observadas. O autor contesta a ideia de que a internet permite que todos se tornem jornalistas, destacando que os internautas podem contribuir para a produção de informações, mas os jornalistas são indispensáveis para organizar essa participação e para validar as informações.

Não há, por isso, um rompimento de fronteiras nos papéis desempenhados por jornalistas e públicos nas experiências de participação e o atual contexto não suprimiu a

histórica função mediadora jornalística (MORAES e ADGHIRNI, 2011). Pelo contrário, "o volume cada vez maior de informações reforça o papel do jornalista como mediador entre o mundo e os cidadãos" (WOLTON, 2004, p. 311), e lhe resgata o papel de costureiro das narrativas expostas pelos diferentes atores sociais.

Desse modo, em nossa pesquisa distanciamo-nos do que se convencionou denominar jornalismo cidadão (GILLMOR, 2005; ROSEN, 2008), em referência à produção e circulação de informações pelo público, que passam ao largo dos procedimentos e regras básicas das práticas jornalísticas. Thurman e Hermida (2010) chamam a atenção para a necessidade de distinguir projetos independentes de cidadãos das formas proporcionadas pelos meios para a participação, sendo estas o real foco de nosso trabalho.

Na perspectiva de uma cultura da participação que move os indivíduos da posição de espectadores para colaboradores, Shirk (2011) afirma que, ao contrário da mídia do século XX cujo único enfoque era o consumo, a mídia do século XXI deve se acostumar ao comportamento participativo das pessoas, e criar oportunidades para que elas possam "responder e discutir, argumentar e criar" (SHIRK, 2011, p.16). Neste cenário onde se confrontam duas vontades – uma mídia que limita e escolhe o que publicar e um público que exige espaço para publicação – pautamo-nos pelo sentido de público ligado ao universo dos sujeitos que têm a possibilidade e o desejo de participar.

3 Metodologia

A intenção deste estudo é observar a capacidade do leitor-participante para contribuir com um referencial narrativo dentro do qual contam aspectos de suas próprias vidas e misturam experiências pessoais aos produtos midiáticos, com base nos estudos sobre interpretação de objetos simbólicos (THOMPSON, 1995). A nossa contribuição para a compreensão do processo das práticas participativas é o estudo do modo de inserção discursiva do indivíduo (leitor-participante) na realidade reconstruída pelo jornalismo. Para isso, este artigo procura estudar o processo por meio da ação de leitores-participantes que enviaram suas histórias de vida para o Projeto Generosidade da Editora Globo.

3.1 Universo de estudo

O Projeto Generosidade é um produto da Editora Globo, empresa das Organizações Globo, o maior conglomerado de mídia do Brasil, país com cerca de 194 milhões de habitantes. A estrela deste grupo de mídia é a TV Globo, emissora que cobre 98,44% do

território brasileiro e 99,50% da população em potencial[1]. Atualmente, é líder de audiência e de faturamento nos investimentos publicitários no Brasil e em 2012 tornou-se na segunda maior emissora do mundo[2].

Atualmente, a Editora Globo publica 13 revistas com circulação de 3,2 milhões de exemplares por mês para 9,3 milhões de leitores. Seus sites recebem 7,9 milhões de usuários únicos ao mês e 92 milhões de *pageviews*[3]. Tudo isto num universo de 83,4 milhões de usuários brasileiros no primeiro semestre de 2012, o que representa um crescimento de 16% em relação ao ano anterior.[4] Também é expressivo o crescimento da telefonia móvel no país: o Brasil chegou a quase 255 milhões de acessos de telefonia móvel no primeiro semestre de 2012. Em cada 100 brasileiros, 129 têm um número de celular.[5] O mercado brasileiro de *tablets* também está em contínuo crescimento: em 2012 existiam cerca de 2,6 milhões de aparelhos no país, e a previsão é de que até 2013 sejam vendidos 5,4 milhões.[6]

O somatório desses fatores socioeconômicos – o crescimento e a popularização dos dispositivos tecnológicos aliados à expansão do número de usuários no Brasil – explicam não apenas o investimento da empresa jornalística Editora Globo neste segmento, como também o incremento e a diversidade nos usos sociais propiciados por esse contexto. É nesse cenário que se situa a prática de participação do público escolhida como objeto de estudo deste trabalho: o Projeto Generosidade.

Apresentado pela Editora Globo como "uma causa pioneira e original na mídia brasileira" com o objetivo de "divulgar exemplos bem-sucedidos que promovem o bem no Brasil", o Projeto Generosidade é uma proposta da empresa que reúne sob o tema "generosidade" uma série anual de reportagens publicadas em todas as revistas e sites da Editora. O público é chamado a participar do projeto por meio do envio de suas histórias acerca da temática. As narrativas falam sobre pessoas ou instituições que "mudam realidades" no Brasil. Desde outubro de 2006, quando teve início, até julho de 2012[7], foram publicadas 349 reportagens e cerca de 1.260 histórias do público.

[1] Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,9648,00.html> . Acesso em 20 out. 2012.

[2] Disponível em: <http://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticia/globo-cresce-e-se-torna-a-segunda-maior-emissora-do-mundo-21371.html>. Acesso em 23 out. 2012.

[3] Disponível em: <http://editora.globo.com/midiakit/arquivos/midiakit_institucional_2011.pdf> Acesso em: 22 out. 2012.

[4] Disponível em: <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/internet-brasileira-tem-83-4-milhoes-de-internautas-segundo-ibope-20120925.html?question=0>Acesso em: 2 nov.2012

[5] Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/> Acesso em: 3 nov.2012

[6] Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/negocios/digital_news/noticias/em-2013,-brasil-vendera-5,4-milhoes-de-tablets>.Acesso em: 5 nov. 2012.

[7] A data se refere ao término da observação dos dados. O Projeto Generosidade permanecia ativo até o fechamento deste artigo.

O projeto tem site próprio[8] para onde os leitores enviam seus relatos, sendo publicados na íntegra. O site funciona como repositório tanto das reportagens publicadas nas revistas, como das histórias do público, sob as identificações "Reportagens" e "Suas Histórias", respectivamente. Desde o início de 2012, o projeto está nas redes sociais.

"Histórias que mudam realidades" e "Fazer o bem é bom" são slogans da proposta, que possui logomarca própria, na qual se vê uma pessoa abraçando o mundo, e patrocinadores fixos – O Boticário, Chevrolet e Bradesco –, identificados como "parceiros". Tanto as reportagens como as histórias enviadas participam da seleção do melhor projeto de ação social, que fica a cargo de um júri especializado. Ao final de cada edição anual, os três primeiros selecionados recebem prêmio em dinheiro[9], o qual, segundo regulamento do projeto, deve ser totalmente investido nas ações sociais, objetos das narrativas.

Segundo a coordenadora do projeto, a jornalista Ana Lúcia Corrêa[10], a ideia da Globo surgiu a partir da série *Hometown Heroes* publicada pela revista americana *Newsweek* em 2006. O tema das matérias – "heróis locais que fazem coisas extraordinárias" – eram indicados e escolhidos pelos leitores.[11]

No caso brasileiro, a proposta foi apresentada aos leitores em reportagem especial de vinte páginas da revista Época, publicada em outubro de 2006, com nove matérias sobre brasileiros que transformaram a realidade a sua volta. A questão central do Projeto Generosidade é exposta no editorial:

> "Se a solidariedade é um sentimento, uma emoção, é pela razão que alcançamos a necessidade de mudar o país. [...] Apesar de o debate acadêmico sobre o que é o bem marcar a modernidade, ninguém discute hoje se tira uma criança do frio, alfabetizar um adulto que nunca foi capaz de ler ou contar uma história a um menino preso por uma doença grave a uma cama de hospital seria ruim. [...] A questão do bem, como a do mal, é algo que indaga sobre quem somos nós e qual é nosso lugar no mundo [...].Mas fazer o bem ou invocar uma ética da solidariedade significa mais que uma busca de sentido individual. Cada brasileiro que sente a necessidade de romper com uma vida que olha para o próprio umbigo está em busca de uma nova identidade para si mesmo, mas também para o país"[12].

Após o lançamento, em 2006, todos os anos houve edições do projeto. Exceto pelo selo (logomarca) que acompanha as reportagens, os textos jornalísticos não se distinguem dos

[8] Endereço: <http://www.projetogenerosidade.com.br/>

[9] Os valores são corrigidos anualmente. Em 2012, os prêmios anunciados foram 200mil, 80mil e 40mil reais aos primeiro, segundo e terceiro colocados, respectivamente.

[10] Entrevista concedida a um dos autores deste artigo em 12 jul. 2012 na sede da Editora Globo em São Paulo.

[11] Disponível em:
<http://www.thedailybeast.com/newsweek/2006/07/06/hometown-heroes-continued.html >Acesso em: 12 set. 2012.

[12] Especial publicado na revista Época em 2 de outubro de 2006 (páginas 82 a 86)

restantes e integram as revistas nas seções sobre o tema (Sociedade, Ciência, Meio Ambiente, Urbanismo, etc.) e são assinados por jornalistas da revista em que são publicados.

Nos anúncios do projeto é forte o apelo à participação do leitor, como nesses exemplos de chamamentos colhidos ao longo dos seis anos de edição do projeto: "Participe. Entre no site e conte sua história do bem. Você pode relatar sua própria ação transformadora ou a experiência de alguém – ou de um grupo – que pratique atos generosos"; "O Projeto Generosidade só terá valido a pena se um dia você conquistar um lugar nestas páginas. Do seu jeito, com a diferença que só você pode fazer"; "Todos – pessoas e organizações – que pratiquem ações do bem podem se inscrever contando suas histórias, que serão publicadas no site do Projeto Generosidade"; "Os leitores estão novamente convidados a participar enviando seus testemunhos e relatos por meio do site"; "A generosidade tem muitas faces. Mostre a sua".

Essa tentativa de aproximação com o leitor é preocupação da Editora, exposta na sua "visão de jornalismo", documento institucional em que alega: "Queremos produzir um jornalismo que crie vínculos de confiança e cumplicidade". [13]

3.2 Procedimentos Metodológicos

O campo do discurso é o lócus de observação e análise das práticas participativas e de suas articulações com o atual ecossistema midiático. A relação interna entre linguagem e sociedade percebe o discurso como parte irredutível de práticas sociais, dialeticamente conectado a aspectos não-discursivos dessas práticas[14] (FAIRCLOUGH, 1992, 2001, 2003).

Neste trabalho, isso significa que o aspecto discursivo é visto como elemento inerente às práticas de participação do público e suas relações com o entorno midiático. Essa compreensão ocorre à luz da abordagem funcionalista, cujo interesse é saber como as pessoas usam a linguagem em suas vidas cotidianas. Tal natureza discursiva das práticas participativas em estudo encontra-se na relação que os meios estabelecem com a sociedade:

> Mais do que informar a sociedade, os meios de comunicação veiculam enquadramentos, marcos interpretativos que participam da construção individual de um horizonte de referências culturais; estão presentes nos processos de construção da realidade social; e instituem novos saberes que estruturam a pauta da vida cotidiana. Isso significa que inúmeras instâncias da vida social são permeadas pela comunicação midiática, vista como elemento de estruturação e transformação dessas práticas. (RESENDE e PEREIRA, 2010, p. 2).

[13] Disponível em: <http://corp.editoraglobo.globo.com/a-empresa/>Acesso em: 12 set. 2012.

[14] Práticas são entendidas como "modos habituais, em tempo e espaço específicos, nos quais as pessoas utilizam recursos (materiais ou simbólicos) para atuarem juntas no mundo. São um ponto de conexão entre estruturas abstratas e eventos concretos" (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 21).

As práticas de participação do público na mídia são exemplos das imbricações entre os meios de comunicação e a sociedade. Nesse universo, os eventos discursivos que constituem as práticas participativas são as representações, no âmbito do discurso, das relações entre os atores sociais. Como esses eventos discursivos materializam-se em textos[15], elegemos como método de investigação desse processo a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) (FAIRCLOUGH, 2003) – vertente da Análise de Discurso Crítica –, cuja particularidade é a análise detalhada de textos, em suas diversas modalidades (escritos, sonoros, visuais, multimodais).

Essa abordagem entende que a análise de textos é uma parte essencial da análise de discurso. Por isso preocupa-se com continuidade e mudanças em nível abstrato e estrutural, bem como com o que acontece em textos particulares. Fairclough (2003) situa a análise textual na interface entre ação (gênero), representação (discurso) e identificação (estilo) – os três principais aspectos linguísticos das práticas sociais – e as maneiras como são articulados de maneira particular em textos.

De acordo com o linguista britânico, os gêneros constituem o aspecto especificamente discursivo de maneiras de ação e interação no decorrer de eventos sociais. Por este motivo, gênero é do interesse específico deste artigo, uma vez que importa conhecer as ações discursivas, aspectos linguísticos das práticas de participação, e como elas se localizam em relação ao entorno midiático.

Esses elementos são observados no viés em que o jornalismo é concebido como prática sociodiscursiva: uma forma de ação e representação de aspectos do mundo. Nessa concepção, operam diversos agentes, entre os quais se destacam neste estudo o jornalista e o leitor-participante que inter(agem) nas práticas participativas eleitas. Para observá-las, o foco analítico recai sobre os modos como esses atores 'texturizam' suas ações.

Em suma, a análise de discurso textualmente orientada que fazemos a seguir é dos textos gerados por meio de entrevistas realizadas com os atores envolvidos nas práticas participativas (eventos sociais particulares).

Neste trabalho analítico, os dados empíricos são os textos gerados a partir de entrevistas e submetidos ao referencial analítico da ADTO. Segundo Gaskell (2002), nas

[15] Textos são manifestações concretas de eventos discursivos. Por sua vez, o termo discurso é visto em duas acepções, com base em Fairclough (2003, p. 3): a primeira, mais geral e abstrata, como "um elemento da vida social dialeticamente relacionado a outros elementos", e a outra, mais específica e concreta, como discurso(s), enquanto formas particulares de representação de aspectos do mundo, como por exemplo, discurso midiático, discurso religioso, etc.

ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada para a apreensão do objeto de pesquisa, aqui sintetizado em: práticas, atores e suas implicações com o ecossistema midiático.[16]

Entre as treze revistas e sites em que se veicula o projeto, selecionamos para este estudo de caso a revista Época – e Época São Paulo, seu título derivado –, que é "a principal publicação da Globo", com mais de 4 milhões de leitores no Brasil, 8,3 milhões de *pageviews* e 2,2 milhões de visitantes únicos por mês.

Integram os dados analíticos cinco entrevistas realizadas com: a) a editora do Projeto Generosidade, a jornalista Ana Lúcia Corrêa; b) os autores de reportagens, os jornalistas Natália Spinacé ("Uma nova chance para o sertão"[17]) e Luiz Orlando Prandini ("Grupo de teatro amador reabilita portadores de distúrbios de voz"[18]); c) os autores de histórias, os leitores-participantes José Dias ("Promovendo o encontro de saberes"[19]) e Nicholas Whaba ("Ser em Cena: a arte e a vida"[20]) .

Os eventos foram eleitos porque abarcam cadeias de textos. A história enviada por Nicholas Whaba "Ser em Cena: a arte e a vida" foi pauta da reportagem "Grupo de teatro amador reabilita portadores de distúrbios na voz", do jornalista Luis Orlando Prandini, publicada em Época São Paulo. A história enviada por José Dias Campos, "Promovendo o encontro de saberes", foi um dos temas da reportagem "Uma nova chance para o sertão", da jornalista Natália Spinacé[21].

Dos textos das entrevistas, extraímos excertos das transcrições para o trabalho analítico. É a partir desse material linguístico que buscamos conexões dialéticas entre o social e o discursivo. Segundo as pesquisadoras Ramalho e Resende (2011), a análise textual aplicada tem por base a Linguística Sistêmico-Funcional, a qual apresenta um arcabouço de categorias analíticas. Os traços específicos em textos (vocabulário, relações semânticas, gramaticais) estão associados a discurso, gênero e estilo particulares. "A escolha de que

[16] Elegemos a coordenadora e editora do Projeto Generosidade, Ana Lúcia Corrêa, pela importância de sua função no cenário. A escolha dos demais entrevistados se deu a partir dos eventos discursivos selecionados (duas reportagens da mídia e duas histórias do público).

[17] Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/04/uma-nova-chance-para-o-sertao.html>

[18] Disponível em:<http://epocasaopaulo.globo.com/vida-urbana/grupo-de-teatro-amador-reabilita-portadores-de-disturbios-na-voz/>

[19] Disponível em: <http://www.projetogenerosidade.com.br/2011/10/21/promovendo-o-encontro-de-saberes/>

[20] Disponível em: <http://www.projetogenerosidade.com.br/2011/09/02/ser-em-cena-a-arte-e-a-vida-2/>

[21] As entrevistas foram realizadas em julho de 2012 com os jornalistas e editora na sede da Editora Globo, em São Paulo (SP); Nicholas Whaba, na sede da associação Ser em Cena, em São Paulo (SP); e José Dias Campos, pelo Skype. Todas as conversas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados.

categorias utilizar para a análise não pode ser feita *a priori*, mas é sempre uma consequência do próprio texto e das preocupações de pesquisa" (RAMALHO e RESENDE, 2011, p.113).

Portanto, para esta análise, que investiga os modos de agir e interagir por meio de textos, escolhemos categorias analíticas ligadas a traços de textos e aspectos da organização textual[22], que são moldados por gêneros. Dentre as questões-guia sugeridas por Fairclough, elegemos aquela que se adequa à finalidade deste estudo de caso: "A que gêneros o texto recorre e quais são suas características em termos de tecnologias de comunicação?". (Fairclough, 2003, p. 192).

4 Resultados e discussão

Nas análises críticas de discurso, as relações entre o micro e o macro contextos oferecem as primeiras pistas sobre as práticas sociais em exame. Sobre esse elemento, o cenário descrito revela elementos sobre os usos sociais das tecnologias de comunicação nos eventos selecionados.

4.1 Entrevista com editora

Uma das possibilidades do entorno midiático – o incremento da participação dos consumidores no processo informativo a partir das tecnologias de comunicação – é observável nos textos. Na entrevista realizada com a editora do projeto, a jornalista Ana Lúcia Corrêa afirmou que a proposta sequer seria viável sem os recursos tecnológicos atuais:

> "Já pensou?! Ficar lendo cartinha! [...] É fundamental ter um site... Imagina, cada revista falar mande sua carta para caixa postal tal e tal, e ter alguém lá pra ler e digitar?! Ia ser difícil ter esse ritmo [...] é muita coisa que as pessoas mandam".

A oração interrogativa marca uma modalização de impossibilidade[23], completada em seguida pela enunciação de ações avaliadas como impossíveis. Recursos como (i) a afirmação avaliativa "é fundamental", (ii) a relação intertextual com um texto hipotético e considerado improvável ("mande sua carta"), (iii) a interrogação e (iv) as afirmações

[22] Não usaremos a categoria analítica "estrutura genérica", ligada a aspectos da organização textual, para análise da organização de cada texto particular, mas sim para investigar as relações entre os textos.

[23] Modalização revela o grau de comprometimento do autor do texto com aquilo que ele escreve (de modo mais ou menos assertivo, hipotético, hesitante; enfatizando caráter obrigatório, potencial, inviável, etc.). Existe um leque de marcadores de modalização como, por exemplo, verbos modais, advérbios, adjetivos, entre outros. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 164).

avaliativas "ia ser difícil" e "é muita coisa" colaboram para a modalização de impossibilidade.

Se, por um lado, a participação do público nas atividades jornalísticas sempre existiu, por outro lado, o ecossistema midiático em questão impõe situações inusitadas nessas práticas. Por exemplo, o fato de a web, ao contrário das mídias tradicionais, possibilitar a publicação ilimitada de informações influencia decisões editoriais relacionadas com a publicação dos materiais enviados pelo público. Nesse sentido perguntámos à editora do projeto, Ana Lúcia Corrêa:

> **- Todas as histórias enviadas pelas pessoas são publicadas?** "A ideia de deixar as histórias na íntegra foi intencional, de publicar, de divulgar. E o pouco que conversei com gente que não ganhou nada [*casos em que os projetos sociais relatadas não receberam premiação em dinheiro*], mas que [a história] saiu de alguma maneira lá, mesmo que seja no site, ajuda, divulga. Olha, eu saí no site do Generosidade [...] A intenção é mostrar as histórias para inspirar...."
>
> - **Pelo observado, parece que as histórias estão na íntegra, é isso mesmo, ou vocês editam?** "Eu dou uma olhada, gosto de deixar do jeito que eles escreveram [...] é bruto, não tem edição".

É necessário esclarecer que para publicarem suas histórias, os leitores-participantes devem preencher uma ficha de inscrição na qual se identificam e concordam com as regras do regulamento de participação[24]. Nesse âmbito, entendemos que essa prática de participação é um jogo, com regras para os atores envolvidos.

Um dos efeitos das tecnologias de comunicação são as experiências mediadas em que as relações sociais são desencaixadas espacial e temporalmente. Fairclough (2003) argumenta que essas circunstâncias implicam maior alcance dos discursos voltados para o controle de práticas sociais. Aqui observamos que as relações entre público e jornalistas na prática participativa em exame são mediadas pelas Organizações Globo, através de regulamentos e princípios editoriais. Por outro lado, notamos também que os atores têm alguma mobilidade nas suas ações discursivas, pois há certas escolhas que lhes cabem fazer, como as relatadas pela editora do projeto e observadas nos textos publicados.

A fim de responder a que gêneros o texto recorre nos eventos em análise investigamos as relações entre os textos. Segundo Fairclough (2003), conforme um nível crescente de abstração, as ações discursivas ocorrem em: a) "gêneros situados", característicos de uma (rede de) prática particular; b) "gêneros desencaixados", os quais constituem potencial para

[24] Disponível em: < http://www.projetogenerosidade.com.br/regulamento/>

realizações linguísticas que ultrapassam redes de práticas particulares; c) "pré-gêneros", característicos das circunstâncias comunicativas cotidianas, como a "argumentação", a "narração" e a "descrição", classificados por suas sequências tipológicas.

No caso em apreciação, a reportagem é um gênero jornalístico visto como uma rede de prática particular composta pelo pré-gênero "narração". Como a tipologia narrativa é base da ação discursiva jornalística, podemos afirmar que a narração é o pré-gênero por excelência do jornalismo. Essas considerações figuram na ordem da manutenção da rede de prática em questão. Mas o que dizer das histórias narradas pelo público? Podemos afirmar que elas figuram como gênero desencaixado nessa rede, pois histórias de vida figuram em distintas práticas. O relevante, neste caso, é sua presença na rede de prática jornalística. Ainda que os jornalistas, como contadores de histórias, narrem a história de outrem em sua atividade diária, o notório na prática participativa em estudo é a possibilidade de o próprio protagonista narrar sua história de vida, entrelaçada na ação social da comunidade em que vive.

O gênero desencaixado "história de vida" narrada pelo próprio protagonista pode representar uma mudança articulatória na rede de prática particular do jornalismo. No novo ecossistema midiático, essa presença narrativa inscreve-se nas mudanças registadas no campo dos fatores tecnoambientais.

Deve ser levado em conta que a rede de práticas do jornalismo do atual ecossistema midiático permite que coexistam narrativas de protagonistas e contadores de histórias na mesma temporalidade. No entanto percebemos que é relevante notar que tais narrativas coabitam espaços distintos: enquanto as reportagens ocupam os espaços nobres das revistas e sites de grande penetração, as histórias dos participantes inserem-se num espaço previamente delimitado e circunscrito, o que leva Domingo (2011) a classificar esta participação como "playground".

Na linha de investigação dos estudos críticos do discurso, entendemos que esses espaços distintos representam lócus de hierarquias também distintas, o que configura as práticas participativas em análise como mantenedoras do antigo *status* do público na arena jornalística. Por outro lado, ainda que haja manutenção das relações, percebemos também transformações nessas configurações, uma vez que a presença da história, na íntegra, narrada pelo próprio protagonista, ainda que em espaço marginal, representa uma mudança na rede de prática do jornalismo.

4.2 Entrevistas com autores de reportagens e de histórias

Nos textos das entrevistas foram observados outros efeitos das experiências de participação mediadas pelas tecnologias, em especial das relações desencaixadas espacialmente. Para a pergunta "Como você vê a participação do público no projeto?", a resposta da jornalista Natália Spinacé foi a seguinte: "Pra gente é ótimo porque, às vezes, existe muita coisa boa que as pessoas fazem e que a gente não consegue descobrir, estão longe, então se elas vêm até a gente facilita bastante".

Notamos que, como se trata de uma comunidade rural localizada em região inóspita – Teixeira (PB) – do sertão brasileiro, a história relativa àquela comunidade somente chegou à arena midiática pela participação do leitor. O adjetivo "difícil" na fala da jornalista representa que o aparato de cobertura jornalística não se interessa ou não tem condições de acompanhar o que ocorre em locais como aquele.

Esse efeito das tecnologias nas relações desencaixadas é percebido também no texto do participante José Dias. Na resposta à pergunta "O que o senhor achou de ter participado com sua história nesse projeto?", ele afirmou:

> "Eu acho fundamental ter inscrito porque o formato do prêmio se dá por cobertura das revistas que a Globo tem nessas matérias. O nosso formato é diferente. A gente se inscreveu diretamente no site. Eu acredito que se a gente não tivesse inscrito, dificilmente a gente tivesse acesso [...] e a nossa experiência talvez eles não tivessem conhecimento [...]".

A fala de José Dias é reveladora a respeito da prática participativa. A história postada por ele tornou conhecida a ação social da comunidade que ele representa e ganhou o segundo lugar na edição do Projeto Generosidade 2011. A ação social relatada na história só foi objeto da reportagem "Uma nova chance para o sertão" após ter sido uma das premiadas na edição. Portanto, há dois efeitos gerados pela ação de José Dias: o primeiro, foi o prêmio em dinheiro, que só foi possível pelo envio da história; o segundo, foi figurar entre os premiados que geraram uma reportagem a qual deu visibilidade à experiência. Recuperando o contributo de Domingo (2011), neste caso a participação do cidadão ocorre enquanto "fonte". Este segundo efeito, por sua vez, gerou uma cadeia de eventos, narrados por ele na entrevista:

> "Essa visibilidade, essa divulgação da experiência, a gente tem adotado o procedimento de ampliar essa divulgação em outros meios, redes sociais, Facebook, para que tenha um resultado ainda maior. Um jornal estadual fez uma matéria porque viu a publicação no site do Generosidade. A partir do que saiu, a gente foi divulgando [...]. Depois do prêmio, a visibilidade foi maior, veio a reportagem da Época, e a gente adotou o mesmo procedimento, de ampliar.".

Ainda na entrevista de José, notamos o impacto da tecnologia nas suas ações e relações [grifo nosso]:

> "Quando a gente começou o trabalho, a gente tinha muito mais dificuldade em *compartilhar* o que estava fazendo, as experiências, porque não tinha acesso à **internet**. A partir do momento que passamos a ter acesso, e hoje cada vez mais essa **tecnologia** se qualifica, se moderniza, passamos a ter várias outras possibilidades. Não só de *compartilhar*, mas também de **obter informações de quem apoia experiências semelhantes** a que estamos desenvolvendo [...]".

Neste texto, ressaltamos o vocábulo "compartilhar" [grifado por nós em itálico], usado por José Dias, que traduz um desejo típico da cultura da participação, segundo Shirk (2011). O compartilhamento é identificado como possível graças à tecnologia, o que se nota nas estruturas de causação[25] "A partir do momento que passamos a ter acesso" e "passamos a ter várias outras possibilidades". A presunção valorativa[26] "essa tecnologia se qualifica, se moderniza" associa a evolução da tecnologia e seus dispositivos à ampliação das possibilidades e compartilhamento de experiências. Essa presunção reforça a relação causal entre tecnologia e compartilhamento nesse excerto.

Observamos o mesmo sentido de visibilidade, disseminação e compartilhamento da história postada na fala do participante Nicholas Whaba, ao responder às perguntas:

> **Qual sua expectativa ao enviar sua história?** "Era *tornar conhecida* minha história, e as pessoas perceberem que são capazes de melhorar suas vidas, que todos são capazes".
>
> **E quanto ao prêmio?** "Eu estava mais preocupado em *divulgar*".
>
> **Quando sua história foi tema de reportagem da revista *Época*, o que aconteceu?** "Me deixou muito contente *as pessoas saberem* que existe um caminho aqui em São Paulo pra elas, tenho a ideia aqui na minha cabeça de ampliar o Ser em Cena e *conversar* com pessoas de outros estados [...] existem no Brasil mais de 180 mil pessoas afásicas [...] coloquei a reportagem nas redes sociais. Depois disso tudo, apareceram muitas pessoas aqui".

Os vocábulos e expressões [grifados por nós em itálico] "tornar conhecida", "divulgar", "as pessoas saberem" e "conversar" marcam esse sentido. Na resposta à terceira questão há também a representação de causalidade entre a ação de disseminar o texto nas redes e seus efeitos na vida social, na relação entre "redes sociais" e "aparecerem muitas pessoas". As

[25] Segundo Fairclough (2003), organizamos textos de acordo com os modos como pretendemos agir no mundo. Esses modos potenciais de ação podem ser investigados, por exemplo, nas relações lógico-semânticas entre as orações e períodos, como nas estruturas de causação.

[26] Presunção valorativa corresponde a uma forma de avaliação implícita, sem marcadores textuais transparentes. A avaliação é uma categoria que representa apreciações ou perspectivas do autor do texto sobre aspectos do mundo (FAIRCLOUGH, 2003, p.172). No caso do exemplo apresentado, há avaliação implícita em decorrência da seleção lexical empregada, pois "qualificar" e "modernizar" são itens lexicais de sentido iminentemente positivo.

mútuas influências entre discurso e prática social são representadas nesse excerto, que, outrossim, expõe a natureza discursiva da prática participativa em questão.

Especificamente sobre a prática participativa na atividade jornalística, questionamos o jornalista Luiz Orlando Prandini, autor da matéria "Grupo de teatro amador reabilita portadores de distúrbios de voz", sobre a relação entre público e jornalistas:

> "Fico com a sensação que *não estou falando para as paredes*, que os leitores se importam com o que a gente escreve. A gente se envolve e acho que **isso é importante**" [...] "É mais do que uma fonte, é algo que tem *o outro lado*" [...] "ser *uma porta* com o que a gente escreveu. **Isso é recompensador**" [...] Mas não vamos fazer a matéria só porque um leitor mandou. A gente vai lá e olha e pergunta: isso é relevante para revista? É, então vamos fazer."

Nesse excerto, há marcadores textuais que indicam a presença do leitor no processo de interação [grifados por nós em itálico]: "não estou falando para as paredes", "o outro lado", "uma porta". As afirmações avaliativas[27] "isso é importante" e "isso é recompensador" [grifadas em negrito] revelam a importância dessa relação para o jornalista.

Por outro lado, essa relação está subordinada aos procedimentos e regras das práticas jornalísticas, como exposto na oração restritiva "não vamos fazer a matéria só porque um leitor mandou". Também há marcadores que submetem a participação aos critérios de relevância noticiosa. Esses elementos somados revelam que esta experiência participativa não suprime a função mediadora do jornalista, nem subtrai a verticalidade dessa relação. Ainda assim, o jornalista entrevistado reconhece uma mudança na prática jornalística.

A representação discursiva da ação nos exemplos anteriores desvela as imbricações entre cadeias de textos e de gênero. Os dados mostram que nessa prática jornalística as histórias de vida (eventos discursivos particulares) dão origem a reportagens (eventos discursivos particulares, isto é, textos que materializam gênero, este específico da prática jornalística), formando uma cadeia de textos. Esta altera tanto a cadeia de gêneros que normalmente resulta em reportagens quanto as relações sociais aí engendradas.

A cadeia de textos que estudamos aqui só foi possível porque está ancorada na prática jornalística, a qual, por sua vez, baseia-se numa cadeia de gêneros, de alguma forma renovada pelo atual ecossistema midiático. Na realização discursiva da experiência participativa em análise, o encadeamento de histórias de vida e reportagens acontece graças às TIC.

[27] Afirmação avaliativa é uma forma de avaliação explícita. No caso do exemplo, o processo relacional 'ser' realiza a relação de avaliação, unindo o portador (isso – dêixis) ao atributo (importante, recompensador).

5 Considerações finais

No atual ecossistema midiático presenciamos experiências participativas do público nas quais os usos das TIC são facilitadores desses processos. Não reduzimos as práticas participativas à tecnologia, mas reconhecemos esta última como recurso fundamental na reconfiguração (manutenção de uns aspectos e transformação de outros) dessas práticas.

A partir da análise das ações discursivas das práticas participativas e de suas articulações com o ecossistema midiático examinamos características dessas ações e exploramos elementos da reconfiguração dessas práticas diante de novas circunstâncias do ecossistema. A análise do cenário do estudo de caso – Projeto Generosidade da Editora Globo – mostrou que os fatores intermidiáticos (meios e suas relações) do atual ecossistema são facilitadores da prática participativa. A tendência para o equilíbrio do ecossistema mediático – a partir da adaptação à chegada de novos (meios) e novas circunstâncias – é observada no estudo de caso em que o meio tradicional (revista impressa) utiliza a internet (site) como suporte para a participação do público. Notamos que ambos contribuem para esse equilíbrio, pois no processo de reconfiguração a internet empresta suas funcionalidades típicas e o impresso, a tradição da marca construída ao longo dos 60 anos da Editora.

Analisar pelo método da ADTO textos oriundos de entrevistas realizadas com atores sociais envolvidos nos episódios selecionados nos permitiu extrair elementos do processo de reconfiguração relativos (i) às TIC e seus usos: impossibilidade de o projeto existir sem os recursos tecnológicos atuais; viabilidade da participação de morador de área inóspita e consequente reportagem; compartilhamento de ações entre os participantes por meio dos textos publicados; domesticação das TIC pelos participantes; (ii) à atividade jornalística: manutenção da função mediadora do jornalista; defesa dos critérios jornalísticos, verticalidade da relação entre jornalista e leitor-participante; manutenção de espaços marginais destinados ao público; importância da presença do leitor-participante para o jornalista; (iii) às relações: alteração na natureza das relações, desencaixadas no tempo e no espaço; manutenção das posições hierárquicas nas interações entre instituição jornalística, jornalistas e leitores participantes, por meio de regulamento de participação e princípios editoriais; e (iv) às reconfigurações discursivas: presença narrativa dos protagonistas por meio da publicação na íntegra das histórias do público, o que implica em mudança articulatória na rede de prática particular do jornalismo; sentido de visibilidade,

disseminação e compartilhamento; realização discursiva por meio do encadeamento de histórias do público e reportagem da mídia propiciada pelas TIC.

Sugerimos pesquisas futuras que aprofundem as imbricações entre o atual ecossistema midiático e as práticas participativas, nomeadamente investigar por qual razão as potencialidades das TIC – como o surgimento das mídias sociais – não mudaram o desejo do público de tornar suas manifestações visíveis em espaços legitimados, como a Globo, ou, ainda, como o atual ecossistema midiático pode modificar a apreensão dos atores sociais sobre suas ações e práticas cotidianas.

Por fim, notamos que as relações entre as TIC e as experiências participativas adquirem uma dimensão singular no ecossistema midiático que só agora começamos a perceber.

Referências

ADGHIRNI, Zélia L; RUELLAN, Denis. *O jornalismo como invenção permanente: novas práticas, novos atores.* IX Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009.

BRIN, Colette; CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. *Nature et transformation du journalisme - Théories et recheches empiriques.* Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2004.

BRUNS, Axel. *Blogs, Wikipedia, Second Life and Beyond: From Production to Produsage*. New York: Peter Lang, 2008.

CANCLINI, Nestor G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 7ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CANAVILHAS, João. El nuevo ecosistema mediático. *Index comunicación*, nº 1, p. 13-24, 2011.

CHOULIARAKI, Lilian; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DOMINGO, David. Managing Audience Participation. Practices, workflows and strategies. Em SINGER, Jane B. et al, *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers,* New York, Wiley-Blackwell, 2011, pp.76-95.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change.* Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e coletivas. In BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002, pp. 64-89.

GILLMOR, Dan. *Nós os Media*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009, 2ª ed.

LOPES, Anabela de Souza. *Tecnologias da Comunicação: novas domesticações*. Tese de doutorado. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2010.

MORAES, Francilaine M.; ADGHIRNI, Zélia L. Jornalismo e democracia: o papel do mediador. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós*, v.14, n. 2. Brasília, 2011.

MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Renavam, 2007.

POSTMAN, Neil. The reformed English curriculum. Em A. C. Eurich (Ed.), *High school 1980: The shape of the future in American secondary education*, (pp.160–168). New York: Pitman, 1970.

RESENDE, Viviane M.; PEREIRA, Fábio H (orgs). *Práticas socioculturais e discurso*: debates transdisciplinares. Covilhã: Livros LabCom, 2010. E-book Disponível em: <http www.livroslabcom.ubi.pt.> Acesso em: 25 set. 2012.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas (SP): Pontes Editores, 2011.

ROSEN, Jay, *A Most Useful Definition of Citizen Journalism*, 2008. Disponível em: http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2008/07/14/a_most_useful_d.html

RUELLAN, Denis. *Mudanças e continuidades estruturais no jornalismo*. Conferência de abertura. Anais do I Colóquio Internacional de Mudanças Estruturais no Jornalismo (Mejor). Brasília, 2011.

SHIRK, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

THURMAN, Neil; HERMIDA, Alfred. Gotcha: How newsroom norms are shaping participatory journalism online. In TUNNEY, Sean; GARRET, Monaghan (Eds.). *Web journalism: a new form of citizenship?.* Eastbourne: Sussex Academic Press, 2010, pp. 46-62.

WOLTON, D. *Pensar a comunicação.* Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

Participatory practices: case study about the discursive actions on Projecto Generosidade (Globo)

Abstract

Technologies reinforce participatory practices in different areas of social life, including journalism. The social uses of ICTs widen spaces for new configurations of public participation practices in the media and, by extension, to the discursive actions of the players involved. Our aim is to analyze how these discursive actions are located at the current media ecosystem. In this sense, the fundamental question in this paper is: to what extent do ICTs facilitate participatory practices in journalism? The observation scenario of this study is the series of reports published by the Projecto Generosidade (Globo). The used methodology was the Critical Discourse Analysis (CDA), more specifically the Textually Oriented Discourse Analysis (TODA). The analytic corpus is a collection of interviews with social actors involved in this participatory practice.

Keywords
Journalism, participatory practices, discourse analysis

Prácticas participativas: estudio de caso sobre acciones discursiva en el Projecto Generosidade (Globo)

Resumen
Las tecnologías refuerzan las prácticas participativas en los diferentes ámbitos de la vida social, incluyendo el periodismo. Los usos sociales de las TIC rompen espacios para nuevas configuraciones de las prácticas de participación pública en los medios de comunicación, y por extensión, a las acciones discursivas de los actores involucrados. En este trabajo, el objetivo es analizar de qué forma estas acciones discursivas se sitúan en el ecosistema mediático actual. En este sentido, la pregunta fundamental en este trabajo es la siguiente: ¿hasta qué punto las TIC facilitan las prácticas participativas en el periodismo? El escenario de estudio es la serie de reportajes publicados por el Projecto Generosidade (Globo). La metodología usada es el análisis crítico del discurso, más específicamente el análisis discursivo textualmente orientado. El corpus analizado es una colección de entrevistas con los actores involucrados en la práctica participativa en cuestión.

Palabras-clave
Periodismo, prácticas participativas, análisis del discurso

Recebido em 02/03/2013
Aceito em 18/11/2013

Copyright (c) 2010 Autor(es) / Copyright (c) 2012 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.